

EDIÇÕES NOVEMBRO

PARA UM PENSAMENTO CRÍTICO AUTÓNOMO

O problema da variedade angolana do português

A posição das disciplinas de Filosofia, Língua Portuguesa e Literatura no currículo, programas e manuais escolares do ensino secundário deve conduzir à ideia segundo a qual o pensamento crítico é uma competência transversal que deve resultar da consolidação dos conteúdos cognitivos tendo em vista o desenvolvimento do raciocínio lógico

Luis Kandjimbo

É nas disciplinas de Filosofia, Língua Portuguesa e Literatura que se manifesta claramente o carácter transversal e o peso formativo do pensamento crítico, tal como é reconhecido nos planos de estudos dos cursos em que se integram. Elas revelam-se instrumentais no processo de aquisição de conhecimentos, compreensão do mundo e, conseqüentemente, de produção reflexiva e argumentativa. O peso formativo da Filosofia, da Língua Portuguesa e da Literatura verifica-se na relação que se deve manter com famílias de disciplinas propedéuticas e outras que mobilizam os recursos linguísticos. O pensamento crítico é hoje considerado um barómetro da qualidade do capital humano nas diferentes economias à escala global. Constituiu o produto de uma actividade intelectual complexa para a qual concorrem disposições, habilidades e competências múltiplas que constituem a competitividade dos países.

A propósito do pensamento crítico, é evidente que os manuais escolares de Filosofia assinados por autores angolanos com a chancela das diversas editoras que operam em Angola, não asseguram o cumprimento dos objectivos específicos definidos para essa unidade didáctica, segundo os quais “o aluno deverá ser capaz de identificar as principais correntes da filosofia africana, os seus principais autores, obras e doutrinas; desmistificar a ideia da inexistência da filosofia africana; a origem e importância da filosofia africana”.

Associado à ausência de uma selecção cuidada, sequecualização sistematizada dos conteúdos e sua distribuição, à luz da necessária arti-

culação das duas últimas classes do ensino secundário, o comportamento dos autores de dois dos manuais consultados traduz-se muito simplesmente em supressão da filosofia africana da lista de conteúdos programáticos da 11ª classe.

O certo é que os conteúdos dos manuais da 12ª classe também não são suficientemente consistentes para evitar suspeitas, já que reproduzem a concepção eurocêntrica da história da filosofia. A ilustração é-nos fornecida por uma bibliografia que ignora os avanços registados em matéria de investigação, historiografia, tematização, debates e ensino. Deste modo, as referências bibliográficas não incluem a mais recente produção de filósofos africanos e afro-descendentes das diásporas.

Por outro lado, quando se avalia a percepção que as autoridades públicas angolanas têm da situação linguística e do ensino da Língua Portuguesa e da Literatura, é possível identificar as razões que estão na base da ausência de uma consistente política linguística. Não se tem uma clara consciência acerca dos compromissos assumidos perante instrumentos convencionais da União Africana, tal como a Declaração de Harare, aprovada na Conferência Intergovernamental de Ministros sobre Políticas Linguísticas em África, em 1997. A sua importância foi reconhecida, em 2006 (Ano das Línguas Africanas), na Cimeira de Chefes de Estado e de Governo, em Karthoum, quando foi atribuído o estatuto de “bureau” especializado à Academia Africana de Línguas. Outro exemplo vem da terminologia jurídico-constitucional. O legislador constituinte da República de Angola ignorou convenções como essa e outras, quando se confrontou com o rigor conceptual no tratamento

das línguas nacionais.

Como se pode calcular, sem uma teoria angolana da planificação linguística e correspondente política linguística não há sinais que assegurem a possibilidade de admitir a existência da variedade angolana do português. Aliás, é frequente ouvir dizer que as questões linguísticas não enchem a barriga. Mas a imagem predominante aí implícita tem vindo a ser contrariada pelo registo de honrosas excepções. Há muitos bons exemplos. Basta acompanhar as acções de investigadores, docentes, estudantes universitários e escritores. Mas isso permite apenas afirmar que o estado de crença relativamente ao reconhecimento de uma variedade angolana do português está longe de ser consensual. Tal deve-se ao facto de não existir uma prática institucionalizada de diálogo sobre o dever de acolher os contributos enriquecedores da ciência linguística e dos estudos literários. Qual a razão disso?

Variedade angolana sem advocacia sólida

Nesta matéria, os que reivindicam autoridade para produzir um competente discurso científico e institucional estão desprovidos de legitimidade para o efeito, na medida em que o exercício dessa autoridade ocorre longe de qualquer escrutínio. Isto é, os que tomam a palavra nos círculos de tomada de decisão sobre questões respeitantes à “planificação linguística” e à “política linguística”, aliás inexistentes, ignoram os imperativos de uma ética do diálogo e da discussão crítica. Por essa razão, a variedade angolana do português, ou seja, o português angolano não conta verdadeiramente com qualquer advocacia sólida, fora das salas de aulas das instituições de ensino superior e gabinetes de alguns

especialistas ou escritores.

Em Angola, vai tardando o reconhecimento de uma investigação linguística que vise a legitimação da variedade angolana do português. Mas no princípio da década de 80 do século XX, tinham sido dados passos no estudo dos fenómenos da variação linguística. Em boa verdade, os méritos do pioneirismo no estudo da variedade angolana devem ser atribuídos à professora Irene Guerra Marques que já em 1983, no Congresso sobre a situação actual da Língua Portuguesa no Mundo, realizado em Lisboa, esboçava aquilo que poderia ser a estrutura de um atlas linguístico. Nessa altura, apontava duas perspectivas: por um lado, sublinhava a existência das línguas nacionais que, na sua maioria, pertencem à família bantu e que constituem as línguas maternas de uma grande parte da população angolana e, por outro lado, a língua portuguesa, que, sendo a língua materna de alguns angolanos, constitui para a maior parte da população uma língua segunda, principalmente nas zonas rurais. Durante as últimas décadas foram publicados apreciáveis trabalhos científicos de alguns especialistas angolanos. Mas são ainda escassos para o volume dos desafios. No domínio da linguística, destacam-se as teses de doutoramento e livros publicados por professores como Amélia Mingas, Maria Helena Miguel, Zavoni Ntongo, Afonso Miguel, Paulino Soma, Márcio Undolo, Mateus Segunda Chicumba, entre outros. Por outro lado, as dissertações de mestrado e monografias de fim de curso de alguns estudantes das Faculdades de Letras e dos Institutos Superiores de Ciências de Educação dão a ideia daquilo que vem sendo o trabalho desenvolvido por alguns docentes, configurando o exemplo da excepção referida.

Defender a soberania epistemológica

Se em termos relativos compararmos os níveis de produção científica de alguns países africanos de língua portuguesa nos domínios dos estudos linguísticos e estudos literários, verificamos que os indicadores bibliométricos do nosso País traduzem bem o perfil deficitário e o lugar marginal reservado aos estudos linguísticos e estudos literários.

Já em Moçambique, as comunidades científicas e académicas têm um desempenho relativamente superior, no que diz respeito à investigação linguística, apesar de o curso de Licenciatura em Ensino de Português na Universidade Eduardo Mondlane ter sido introduzido apenas em 1987. Os resultados das pesquisas realizadas ao nível de Mestrado e Doutoramento são partilhados com as comunidades de outros países. E, por isso, há muito tempo deram lugar ao reconhecimento de uma variedade moçambicana do português. Os avanços da investigação linguística em Moçambique estão na origem da evolução do debate acerca do Acordo Ortográfico cujo processo de ratificação configura um outro momento da decisão política ancorada aos fundamentos da ciência linguística.

Continuo a pensar que a discussão da problemática convencional do Acordo Ortográfico levanta, em primeiro lugar, questões relevantes de ordem ética. Ao contrário dos que invocam o fundamento da especificidade das línguas bantu pura e simplesmente, uma boa argumentação que sustente a recusa da ratificação do Acordo Ortográfico implica a observância de princípios éticos aplicáveis aos estudos linguísticos e literários que traduzam um consenso esclarecido de todos os detentores de uma competência técnica e científica relevante. Hoje, em Angola, os argumentos circunstancialmente dominantes sobre o Acordo Ortográfico não acrescentam razões que assegurem a consistência devida para serem legítimos no debate sobre a variedade angolana do português. Pode dizer-se que, recorrendo à história, é com alguma urgência recomendável reiterar o carácter defensável da soberania epistemológica, tal como já fazia o escritor Joaquim Dias Cordeiro da Matta, quando reivindicava uma literatura angolana autónoma, escrita em línguas nacionais e em língua portuguesa, ainda no século XIX. Sublinho a importância do conhecimento histórico.

Linguística da literatura angolana

Há um outro acontecimento que, no contexto colonial do século XX, confirmava a autonomia da gramática literária do português angolano. Em 1965, a polícia política portuguesa banuiu o prémio de novela atribuído a “Luuanda”, obra de Luandino Vieira, e encerrou a Sociedade Portuguesa de Escritores. O crítico literário português João Gaspar Simões, a única voz dissonante, entre os membros do júri, votou contra a atribuição de um prémio português a uma obra literária angolana. Ele justificava a sua posição destacando o falar dos muceques, o falar das personagens, o kimbundu e semelhantes linguajares –, que é o de Luuanda –, o falar das personagens e o falar do próprio autor das estórias da gente desses muceques. Dizia tratar-se de um idioma diferente. Considerava-o como um falar regional, o falar de um povo que atingiria diferenciação. Para João Gaspar Simões a soberania literária angolana era irrecusável, já na década de 60 do século XX.

Por isso, a linguística da literatura angolana continuará a ser uma fonte inestimável para legitimar o português angolano. O sucesso da tarefa dependerá de uma abordagem abrangente que se traduza simultaneamente em estudos científicos, por um lado, de padronização das línguas nacionais angolanas e sua harmonização no contexto regional da África Central e África Austral, especialmente, para as línguas transfronteiriças e, por outro lado, da literatura angolana e da língua portuguesa nas várias dimensões em que se analisa a gramática do texto e a gramática da língua.



JOVENS SÃO OS PRINCIPAIS PROTAGONISTAS

Febre de exercícios físicos em Cabinda

Palmira Malonda, 16 anos, aluna da 8ª classe, é apaixonada pelos exercícios físicos. Desde muito cedo, Malo, como é carinhosamente tratada no seio familiar, acompanhava o seu pai nas caminhadas e nas corridas de resistência. A par dela e do pai, a mãe e os irmãos também são praticantes de exercícios físicos. Eles são um exemplo da febre de exercícios físicos que tomou conta de jovens e adultos na cidade de Cabinda

Joaquim Suami | Cabinda

Com o surgimento da pandemia da Covid-19 no país, que obrigou o Executivo a encerrar o funcionamento de vários sectores sociais e económicos, para evitar a propagação do vírus entre as pessoas, Palmira Malonda redobrou a prática de exercícios físicos. Além da meta de manter o corpo saudável, para ela, é uma forma de ocupar os tempos livres. Malo acorda, todos os dias, às 5 horas e sai em companhia dos irmãos e amigos para caminhadas e corridas de resistência. Partem da rotunda do aeroporto até ao largo 1º de Maio, onde se juntam a outros para o desenvolvimento de exercícios abdominais, agachamentos, flexões, relaxamentos e alongamentos. “Todas as manhãs, saio de casa em grupo com os meus irmãos e amigos até ao largo 1º de Maio para praticarmos os exercícios físicos. Tem sido excelente praticar os exercícios para manter o corpo em forma e os níveis físicos em alta. Os meus pais

são os grandes incentivadores da prática de exercícios, desde muito cedo. Já é algo de costume. Na minha casa, até o meu irmão mais novo pratica exercícios”, disse. Com a situação da Covid-19, a prática de exercícios físicos aumentou no seio da família de Palmira Malonda. “As aulas estão paradas e, para não ficarmos sem fazer nada, a prática de exercícios físicos tem sido a nossa actividade diária”, referiu. Palmira Malonda disse que todos os dias, até aos finais de semana, é notório o engajamento das pessoas, maioritariamente jovens, na prática de exercícios físicos, incluindo actividades desportivas. “Jovens e adultos estão voltados para a actividade desportiva, o que é bom para a saúde humana”, salientou. “Peço a todas as meninas e meninos, e até aos adultos, para se engajarem na prática de exercícios físicos, principalmente neste período da pandemia da Covid-19”, exortou.

Prática generalizada

A par de Palmira Malonda,

muitos jovens e adultos estão a aproveitar o Estado de Calamidade Pública para manter o corpo em forma. Nos dias de hoje, é notória em Cabinda a prática massiva e constante de exercícios físicos nos bairros, largos, rotundas, passeios e noutros espaços.

A partir das 17 horas, começa-se a observar aglomerações de pessoas a fazerem caminhadas, corridas de resistência, flexões, alongamento e outros tipos de exercícios, de forma individual ou colectiva. A prática observa-se, igualmente, logo às primeiras horas da manhã.

Delfina Barros, 18 anos, que vive no bairro do Aeroporto, também gosta de fazer exercícios físicos, porque, segundo ela, faz bem à saúde. Explicou que o que a incentiva a praticar exercícios é a vontade de “diminuir a barriga”.

“Tenho muita bexiga e, para diminuí-la, faço exercícios como forma de manter o meu corpo em dia. Neste período da Covid-19, resolvi esforçar-me mais e saio de casa às 5 horas, com um gru-

po de amigos. Primeiro treinava sozinha, mas depois decidi juntar-me a um grupo, o que está a ser muito interessante”, esclareceu.

Delfina Barros conta que no grupo em que está inserida desenvolve, sobretudo, exercícios abdominais para aumento dos músculos dos braços e das pernas. “Neste período em que as pessoas estão em casa, quero apelar para que saiam do sofá e pratiquem exercícios físicos. Que não fiquem todo o tempo só apegadas aos cadernos e livros e que encontrem tempo para relaxar fazendo exercícios”, disse.

António Sozinho, 18 anos, que vive no bairro 1º de Maio, conta que sai de casa às 4 horas com um grupo de amigos e, apesar de antes não gostar tanto de exercícios físicos, faz caminhadas e corridas de resistência. “Não gostava de fazer exercícios, mas, a conselho de amigos, resolvi praticar, o que está a ser muito benéfico para mim. Treinar com os amigos é bom para não ficar sozinho em casa e sem fazer nada”, afirmou.



Valor das caminhadas

O orientador de exercícios físicos Judilson Sambo, 27 anos, disse que está a ser muito proveitoso, neste período da pandemia da Covid-19, ensinar os jovens a terem cultura de exercícios físicos. “Estou há três anos nessa actividade e está a ser bom mostrar aos jovens a importância dos exercícios físicos. Geralmente, começamos às 6 horas, com alongamentos e corridas de resistência”, referiu.

O professor diz ser importante que as pessoas façam mais corridas de resistência pelo facto de, segundo a sua crença, o novo coronavírus “não suportar níveis altos de calor”.

“Aconselho que façamos mais corridas de resistência, para não deixarmos a Covid-19 penetrar no nosso corpo”, defendeu.

Outro professor de educação física, António Xavier, 18 anos, faz notar que é visível o engajamento de jovens e adultos na prática de exercícios físicos, o que, segundo disse, “é saudável para a vida humana”. “Na maior parte dos bairros, existem grupos de jovens e de adultos a praticarem exercícios físicos. Neste período da Covid-19, temos estado a juntar as pessoas para praticarem uma actividade desportiva. Os exercícios físicos ajudam as pessoas a terem boa saúde. Peço a todos que saiam das suas casas para fazerem caminhadas ou corridas de resistência, que são excelentes para manter o corpo em perfeitas condições”, encorajou.



Importância e benefícios

Além do condicionamento físico, a prática regular de actividade física melhora a capacidade cognitiva e diminui os níveis de ansiedade e stress. A prática regular de exercícios físicos envolve muito mais do que estética. Contribui para o bem-estar físico, mental, bom funcionamento do coração, da circulação sanguínea, da respiração e dos hormónios.

Melhora a auto-estima: Pacientes com depressão, ansiedade e transtornos de imagem podem ter o tratamento favorecido com a prática de actividades físicas.

Reduz o stress: A atenção requerida e desviada para o controlo do corpo faz com que preocupações, muitas vezes, provocadas por ansiedade ou transtornos sociais, sejam reduzidas à medida que se realizam as práticas físicas.

Protege o sistema cognitivo, prevenindo doenças degenerativas: Ao estimular a oxigenação do cérebro, as neurotransmissões são favorecidas. Também estimula a memória e afasta pensa-

mentos negativos. Proporciona a melhoria do sistema cognitivo, reduz o envelhecimento precoce das células e promove a longevidade.

Reforça o sistema imunológico, severamente prejudicado por doenças mentais: Ao praticar exercícios, os hormónios da felicidade - serotonina, endorfina e dopamina - encarregam-se de reforçar os nossos sistemas de defesa. Esses hormónios são produzidos em maiores quantidades pelo corpo graças às actividades físicas.

Aumenta a disposição, garantindo mais produtividade: O cansaço e a falta de motivação afecta pessoas que sofrem com diversos transtornos psicológicos. Obviamente, a prática desportiva fará com que o corpo passe a receber hormónios que garantem a nossa disposição e bem-estar. Também favorece a qualidade do sono. Após uma noite bem dormida, a possibilidade de ter um dia com mais qualidade é muito maior.





MANUEL ABIAS ANTÓNIO

Nasce mais um talento no Lubango

Manuel Abias António, 18 anos, é o mais recente talento que desponta no cenário das artes plásticas na cidade do Lubango, província da Huíla. O seu estilo de pintura é o hiper-realismo

Gaudêncio Hamelay/Lubango

O interesse de Manuel António pelas artes plásticas ganhou consistência em 2019, quando frequentava o curso de Ciências Físicas e Biológicas no Instituto Médio de Economia do Lubango (IMELUB).

“Ao visitar uma exposição feita por colegas meus, fiquei motivado a enveredar pelo desenho”, disse o jovem artista da Huíla, para quem o surgimento da Covid-19, além de um grande mal, constituiu uma oportunidade, pois serviu para desenvolver as suas habilidades no domínio da arte.

Manuel Abias António explicou que, no princípio, a arte era apenas uma diversão, que depois, com o desenrolar do tempo, foi ganhando consistência pelo encorajamento que foi recebendo de familiares, amigos e de outros fazedores de arte que lhe pediam para aperfeiçoar o talento.

Tudo isso permitiu ao jovem artista produzir, até à semana finda, mais de 25 quadros

de pintura, que se destacam pela particularidade de estarem enquadrados no género hiper-realista, focados em retratos e paisagens captadas pela sua mente.

Considerado um talento promissor nas terras altas da Chela, o jovem artista disse que a sua primeira obra hiper-realista, a mais famosa de todas, é um quadro, que retrata uma criança, pintado durante o primeiro período do Estado de Emergência decretado pelo Presidente da República em face da Covid-19.

“A pandemia da Covid-19 é perigosa. Todos devemos observar as medidas de biosegurança, distanciamento físico e o isolamento social”, disse. Nesse ambiente de confinamento, várias ideias foram despontando na sua mente e deram origem a produção de várias obras.

“Apesar da sua maldade, a Covid-19, que assola o mundo e o país em particular, serviu para despertar o meu lado artístico. É uma carreira que vou procurar desenvol-

ver afinadamente”, expressou, recordando que o retrato de uma criança, feito durante o confinamento, marca a sua memória por ter suscitado muita admiração dos apreciadores das artes plásticas na cidade do Lubango e fora dela.

O hiper-realismo, esclareceu, é um estilo de pintura e escultura que tem um efeito semelhante ao da fotografia de alta resolução. Uma fotografia de alta resolução, disse, pode ser transformada numa pintura hiper-realista.

“O hiper-realismo tende a ter uma qualidade superior. É um estilo bastante cativante. Daí a minha aposta”, adiantou.

Manuel Abias António faz desenhos à lapiseira, pinturas em roupas, em paredes e em telas. Nas suas obras utiliza a tinta a óleo e acrílico.

Fotografias transformadas

A maioria dos quadros pintados por Manuel Abias António retratam os variados aspectos da vida económica e social da população da pro-

víncia da Huíla e foram muito apreciados nas exposições em que o artista participou, promovidas pelo Governo Provincial da Huíla, Kero, Shoprite, administrações municipais e unidades hoteleiras.

“Recebo palavras de apreço, o que é bastante motivador. As pessoas conhecem o meu humilde trabalho. Vamos continuar a trabalhar com humildade, dedicação e força, para conquistar mais admiradores”

Manuel Abias António reconhece o auxílio que recebe dos colegas artistas, com realce para os mestres Padú,

Mazele, Justino e o grupo de artes “Caso 7”, com grande experiência no mercado nacional das artes plásticas.

Filiado ao projecto “África Nepa”, que congrega jovens com talento na música, moda e pintura, Manuel Abias António disse que o seu objectivo é alcançar outros patamares e o sonho de ter um atelier, para garantir emprego e formar outros jovens é uma parte desse desiderato.

Lembrou, com satisfação, a sua participação no espectáculo que congregou músicos e artistas plásticos, decorrido no princípio do ano, na Mediateca do Lubango. Contudo acredita que a sua obra ainda não está suficientemente divulgada. Por ser ainda novo na arte, precisa de apoios para uma maior divulgação dos seus trabalhos, reconhecendo igualmente a necessidade de maior interacção com jovens artistas de outras latitudes e formações no domínio específico da arte.

“Quando interagimos com fazedores de artes que possuem obras de qualidade, isso encoraja-nos, dá-nos forças e motivação para prosseguir”, reconheceu.

O jovem artista destacou o apoio que recebe da direcção da Mediateca do Lubango, que, na sua óptica, além de promover a leitura, tem propiciado a revelação de jovens talentosos em vários domínios.

Na sua opinião, a Mediateca do Lubango tem demonstrado disposição e disponibilidade em ajudar os jovens pintores a mostrarem as suas obras e a trocarem experiências.

As mensagens de carinho que recebe dos habitantes da Huíla e de pessoas de outros pontos são também encorajadoras. “Recebo palavras de apreço, o que é bastante motivador. As pessoas conhecem o meu humilde trabalho. Vamos continuar a trabalhar com humildade, dedicação e força, para conquistar mais admiradores”, garantiu.

MÁRIO DURÃO

“Já passei fome e conheço o drama do sofrimento”

A história e o percurso de vida de Mário Durão assemelhavam-se, em numerosos factos e situações, aos dos jovens que, nascidos e criados nas zonas periféricas de Luanda, tinham de, necessariamente, fazer escolhas a contragosto do caminho a seguir: abraçar, com afinco, os estudos ou sucumbir à força da marginalidade.

Miguel Ângelo / Huambo

Foi entre dois mundos, de ter que ir à escola ou ficar nas traquinices no bairro, “ao lado daqueles mais-velhos”, como diz, que Durão teve de aprender a caminhar em busca de uma afirmação social, quando, ao mesmo tempo, assistia a morte, prematuramente, de “muitos meus amigos de infância e de circunstância” por envolvimento em assaltos e outros delitos.

“Só quem viveu no muceque – até agora vive – conhece a vulnerabilidade a que os jovens estão sujeitos para entrarem no mundo do crime. É preciso, em muitos casos, ter famílias bem estruturadas, senão, facilmente, é influenciado pelos mais-velhos e amigos, que vão ostentando boas coisas”, conta.

“Nasci e cresci no bairro Marçal, junto de um local – O Ponto – onde se vendia, em plena luz do dia, liamba. Os mais-velhos ‘fechavam a bula’ sem se importarem com a presença dos miúdos. Tínhamos, no meio deles, kotas agrídoces, que, em parte, influenciavam a nossa conduta de vida. Eram referências sociais. Foi preciso

fazer, com todas as energias, escolha: estudar mais ou tornar-se, por essa influência, marginal.”

De passagem pela província do Huambo, à frente da delegação da Associação Jovens Unidos e Solidários, onde efectuou a doação de bens de primeira necessidade às pessoas vulneráveis dos municípios do Chingene, Longonjo e Bailundo, Mário Durão, hoje tratado por “Bud Spencer da solidariedade”, desabafa as razões que lhe movem a seguir o caminho solidário:

“Já passei fome. Senti na pele, em determinados momentos da vida, as amarguras de não ter nada para comer. Até o próprio coração ‘convida-te’ para ir roubar. E aconteceu: ir roubar comida na cozinha do prédio dos Soviéticos, localizado no Marçal, ou às barrocas do Miramar apanhar ‘latarias’ de comida. Já vivi o lado dos que nada têm. Conheço o drama do sofrimento. Por isso abracei às causas solidárias”.

Assume que, em resposta às críticas que tem sido alvo, “não tenho vergonha do meu passado”, por estar consciente de que “todos nós, fi-

lhos de abastados e pobres, já fizemos algumas coisas de errado”, argumenta, porque “quando não temos quem nos oriente, a pretensão é ir para o lado mais fácil de ganhar a vida”, reconhece.

“É lamentável que, passados muitos anos, as pessoas queiram, sempre que possível, denegrir a minha imagem e honra buscando situações em que estive envolvido com algumas ilicitudes. É passado! Há, em mim, um outro Mário Durão que, com as vivências de infância, como engraxador e lavador de carros, entre outras ‘profissões’, quer, agora, fazer o bem aos mais necessitados”.

Do Marçal, onde almeja ser um dia administrador para, como assegura, “revolucionar este bairro histórico e célebre de Luanda”, diz guardar as memórias das situações boas e más da vida. “É tirando ilações do passado, que procuro novos passos”, pelo que, enfatiza, “a solidariedade é a única retribuição que tenho a fazer à sociedade, em purificação da alma perante a Deus”, aponta.

Jorge Mulumba, integrante

do grupo tradicional “Nguami Maka, postou, há dias, uma dessas memórias do Marçal, recordando o campo dos Melícias, hoje transformado em mercado da Chapada, e os nomes de saudosos Djédjé e Lupinga, dois jovens que eram talentosos futebolistas do bairro. O ‘filho de camponês’, como se auto-intitula, que confessa que jogou neste campo e conviveu com os amigos, garantiu que chorou de emoção.

“O Jorge Mulumba, com essa postagem, fez-me recordar toda uma história de infância. Chorei por ainda estar vivo. Pensei nestes meus amigos...na pujança devastadora que a criminalidade infantil representa para a sociedade. Quero ajudar muitos jovens a terem outro percurso, razão pela qual existe o projecto da sopa. A fome obriga a muitas coisas negativas”, disse.

Mário Durão avança que está na forja um livro de memórias para retratar, ao fim de 46 cacimbos, todo esse percurso de vida em que a solidariedade aos mais necessitados e vulneráveis foi o “trunfo para fugir dos maus caminhos” quando tudo parecia perdido.



Projecto “Servir sopa na rua”

Quem é Mário Durão?

Mário Durão é filho de um camponês humilde, nascido no Marçal. A minha filosofia de vida é ajudar os mais próximos e pessoas vulneráveis. É um jovem que luta para poder ajudar as pessoas mais desfavorecidas. Sempre lutei por esse objectivo. Eu também passei por dificuldades. É ajudando o próximo que nos sentimos bem.

Como surgiu a associação de Jovens Unidos e Solidários?

A associação surgiu de forma espontânea, em 2008. Começámos a distribuir sopa nas ruas de Luanda e depois a dar doações aos centros materno-infantis e de acolhimento, de forma muito mais simples.

Qual é o objectivo da associação?

É apoiar as famílias necessitadas e auxiliar na divulgação, de maneira incondicional, das políticas traçadas pelo Presidente da República para o bem-estar do povo. O objectivo é trabalhar para seguir a mesma linha de pensamento

do Presidente João Lourenço.

Sente-se realizado com o projecto?

É ainda cedo para estar realizado com o projecto. Sentir-nos-emos bem quando deixarmos de minimizar a fome e passarmos a dar oportunidade às pessoas para desenvolverem o auto-sustento, no meio rural, erradicando a fome no país.

A actividade no Huambo como correu?

O povo angolano, apesar das dificuldades, é acolhedor. As pessoas, nos municípios seleccionados para receber doação, louvaram a nossa iniciativa e pediram-nos, sempre que possível, para regressar. Vamos fazer isso em nome do povo.

A Associação Jovens Unidos e Solidários procura sempre formas de entrar em contacto directo com os membros das comunidades rurais, principalmente os da terceira idade, para avaliar quais são as dificuldades que estão a atravessar. Foi o que fizemos aqui no Huambo, durante dois dias.



UM DOS PILARES DA MÚSICA ANGOLANA

Uma banda chamada Maravilha

Está disponível no Youtube e noutras plataformas digitais o concerto da Banda Maravilha realizado no dia 13 deste mês, que teve transmissão na TPA 2 e na TPA Internacional. O evento marcou o arranque da parceria da TPA com a Nova Energia, de que resultará a transmissão em directo, na televisão pública, dos próximos “lives” a serem produzidos pela empresa de Yuri Simão. As edições passadas do Show do Mês serão também acolhidas na grelha de programação da TPA



Analtino Santos

A viagem pelo Semba e seus afluentes, desenhada pela Banda Maravilha, terminou em festa com a “Rapsódia Popular”, uma animada compilação de temas que, na voz de Xico Santos, não deixou ninguém parado. A formação “segurou” todos com uma sequência que antes passou pelo convite a dançar a “Rebita” e recordou os Merengues com “Santa yo” e outros sucessos. “Rufo da Liberdade”, instrumental de Zé Keno, teve os solos da guitarra transportados para os teclados de Miqueias. A intenção era deixar os telespectadores e internautas “presos”.

O arranque foi ao som de “Xicola” na voz de Moreira Filho. Usando a linguagem dos mais-novos, este tema é um “beef” que o compositor Lulas da Paixão fez a um músico que se gaba que é formado mas ninguém conhece a escola onde estudou.

Seguiu-se “Café” servido por Xico Santos, antes de os espectadores serem levados, com a canção “São Filipe”, a uma viagem para as terras de Ombaka e evocar o Nacional de Benguela a jogar, ainda sem Akwá, para depois, com o tema “Nzala”, na voz lamentosa de Pirika, serem levados a pensar na fome que tem assolado parte da população nestes dias de pandemia. A bela recuperação de “Sanzala”, um lamento de Gildo Costa, mereceu uma caixa alta de Maneco Vieira Dias, nas vestes de comentador, que realçou a capacidade da banda trazer temas marcantes do passado para a actualidade e para outras audiências.

Quem assistiu na televisão, e os que assistiram ao concerto agora disponível na internet, sentiram e sentirão o diálogo entre as guitarras de Isaú Baptista, no solo, e Pirika Duía, no ritmo e no solo, em “Lamento de Duía”, um original do Mestre Duía, o responsável pela in-

trodução da guitarra eléctrica na música popular urbana angolana. Outro aspecto que fica patente é como foi preparada a cozinha percussiva, com o jovem F.A. bebendo da fonte nas batidas dos tambores do criativo mestre Xico Santos, que combinava com os “breaks” de Marito Furtado na bateria. Já a marcação do baixo de Moreira Filho está em sintonia com as harmonias dos teclados de Miqueias Ramiro, num momento de revisitação da época de cumplicidade e partilha dos músicos que marcam a história da banda que é uma maravilha. Rigoberto, Lázaro e Chinguma não permitiram que os sopros fossem determinados pelos teclados, com os seus trompetes, saxofone e outros metais.

Homenagem a Kituxi

Em palco só faltou ouvir Marito Furtado e Miqueias Ramiro nas vestes de cantor. F.A. caprichou em “Banda Maravilha”, a apresentação

cantada da formação, e Isaú destacou-se em “Kambobita”, tendo mostrado que não vive apenas dos solos. O percussionista Xico Santos voltou a interpretar os sucessos que o notabilizaram como um dos principais vocalistas da banda: “Café”, “Soba Soba” e outros. Pirika Duía, voz com alma, surpreendeu muitos, e até ganhou uma nova fã, Ana Maria, que dançou “Jinguela” e pegou o kaposso para o “Mussulo” na companhia de Xico Santos e Moreira Filho. “Mussulo” é um tema feito em parceria com o cabo-verdiano Tito Paris. Mas quem mesmo manda em grande nas vozes da Banda Maravilha é Moreira Filho, que faz o difícil que é conciliar o baixo com o canto. Ele fá-lo com mestria, como tem sido visível nos temas “Madia”, “Menina do Beliscão”, “Sessa Mulemba” (canção do seu tempo no Internacional Merengue Bulamunhongo) ou mesmo em “Nguitabué”. Este tema

serviu para homenagear Miguel Francisco dos Santos Rudolfo, ou simplesmente Mestre Kituxi, fundador e mentor do Grupo Kituxi, antes chamado Kituxi e Seus Acompanhantes, por mais um aniversário e pelo seu contributo em prol da cultura angolana.

Passagem de testemunho

A preocupação em dar visibilidade à nova geração esteve, mais uma vez, em evidência, no brilharete de Karina Santos, que “caçumbou” a Moreira Filho “Meu Amor da Rua 11”, o poema feito canção de Aires de Almeida Santos, que eternizou a sua musa do Bairro Benfica, em Benguela. Na sua segunda actuação, com o tema “Nguxi”, Karina Santos recordou Belita Palma, numa versão refeita pela Banda Maravilha. A cantora afirmou que foi uma experiência agradável, que espera repetir. Karina Santos, que acompanha o trabalho da Banda Maravilha há vários

anos, disse que gosta imenso da forma peculiar como a banda executa o Semba, a Rebita, a Kilapanga, a Rumba e outros géneros musicais. Ela assume ser uma fã da Banda Maravilha, na dupla faceta de profissionais e simples seres humanos. O bichinho do Semba surgiu nela quando Rey Webba a escolheu para interpretar “Angolano tem sangue bom”.

Já Roxanne Fernandes, outro kandengue, também representou bem a sua geração, tendo uma actuação digna de nota na interpretação de “Palame” e “Mana Bessangana”, sucessos conhecidos na voz, dentre outros, de Carlitos Vieira Dias, por sinal um dos fundadores da Banda Maravilha. Roxanne tem animado vários espaços de Luanda e ganhou visibilidade com o sucesso “Dona Ana”. Ele disse que gostou da participação e sentiu-se privilegiado por ser muito acarinhado pelos membros da banda.

“Entre Kambas” é o nome do próximo disco

Os integrantes da Banda Maravilha recomendam que para aumentar a longevidade é importante ouvir um bom Semba ao acordar, ao dormir e durante os principais momentos do dia. A banda, de cuja composição inicial resta a dupla Marito Furtado e Moreira Filho, tem quatro álbuns no mercado, nomeadamente “Angola Maravilha”, “Semba Luanda”, “Zungueira” e “As Nossas Palmas”. Tem na forja o próximo disco, que já tem nome: “Entre Kambas”. A obra contará com a participação dos instrumentistas Teddy Nsingui, Alex Samba, Lito Graça, Mayo Bass, Texas, Yasmane Santos e Mias Galheta. Terá também a colaboração do Rei Elias Dya Kimuezo, Martinho da Vila, Karina Santos, Irina Vasconcelos e Filipe Mukenga.

De acordo com depoimento de Marito Furtado, a história da Banda Maravilha começou quando um grupo de amigos se reunia na baixa de Luanda em bares e pubs, em 1992, depois da guerra que assolou Luanda naquele ano. Como grande parte dos conjuntos acabaram ou estavam inactivos e o movimento musical quase parado, a dada altura, Carlitos Vieira Dias, Moreira Filho e Kinito Trindade começaram a juntar-se às quintas-feiras no pub Tamarino para tocar violão. Depois chamaram Joãozinho Morgado para tocar tambores e, de seguida, Rufino para os teclados. Posteriormente queriam fazer outras coisas e introduzir uma bateria, tendo então, para o

efeito, Marito Furtado sido chamado. “E continuamos a tocar no Tamarino e uma das pessoas que frequentava esta casa era o André Mingas. Na altura ele passou a apresentar o programa ‘Gentes e Tons’ e teve a ideia de colocar a banda como suporte do programa, o que foi a primeira vez que aconteceu na história da televisão em Angola. Os espectadores apreciavam a banda e começaram a perguntar pelo nome e nós não tínhamos. Foi uma jovem assistente, Delfina Feliciano, que disse ‘eles são uma maravilha’ e assim ficou: Banda Maravilha”. Este depoimento de Marito Furtado há-de constar, certamente, da história da música popular urbana angolana.

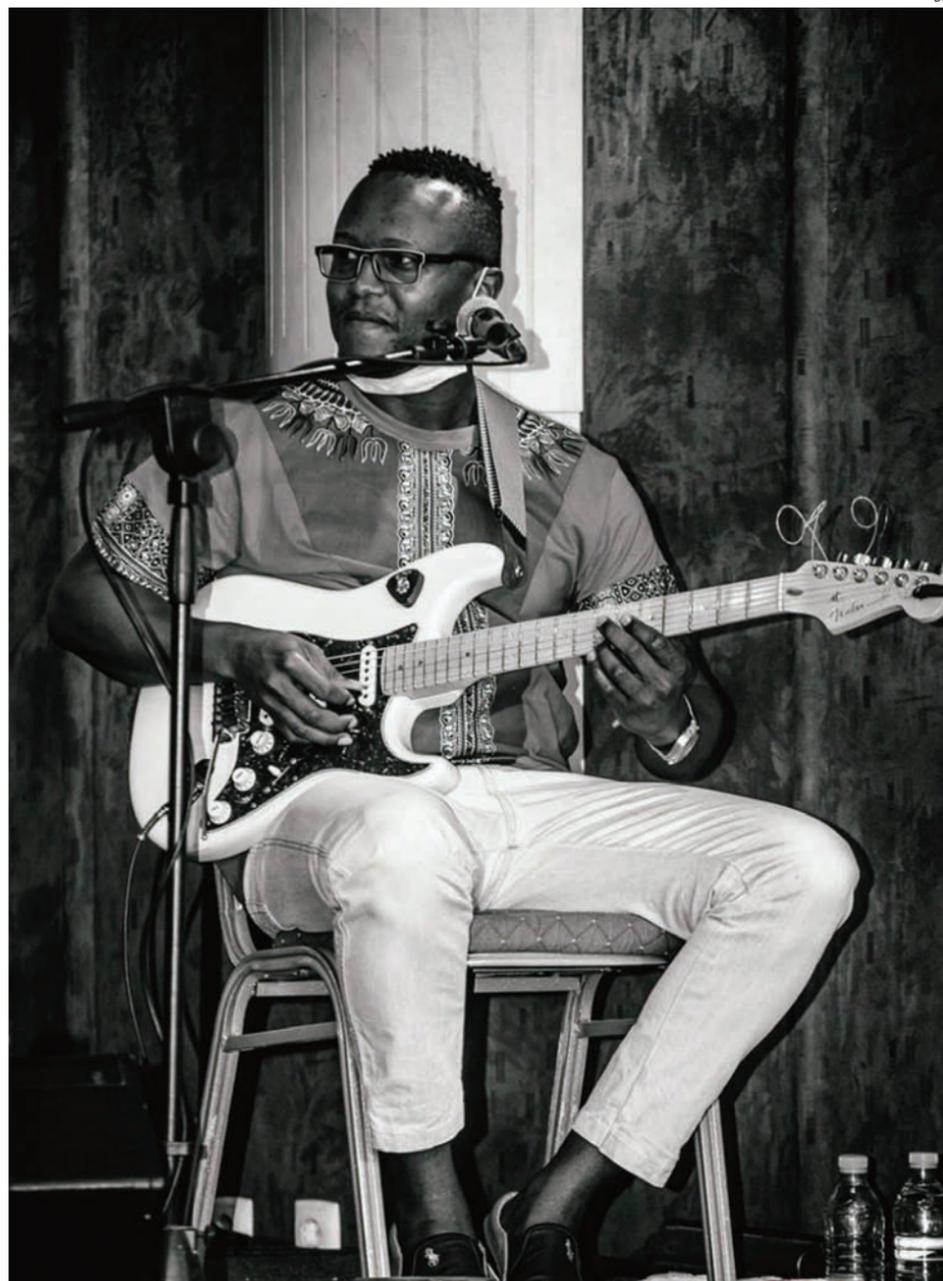
A Banda Maravilha, com 27 anos de actividade ininterrupta, é a terceira formação artística com mais tempo de actividade, depois dos Kiezos e Jovens do Prenda, ambas com mais de cinco décadas. Djanira deixou o grupo em Fevereiro deste ano para seguir carreira a solo, depois de sete anos como vocalista e primeira mulher na banda. Chico Santos, Pirika, Nelas do Som, Carlos Venâncio e Carlitos Vieira Dias fazem parte da história da Banda Maravilha, formação que tem servido de suporte à nata dos artistas nacionais e internacionais que passam pelo país.

Hoje, um dos grandes cartões postais da Banda Maravilha são as actuações às segundas-feiras no espaço Chá de Caxinde (até antes

das restrições provocadas pela Covid-19). Quanto ao conceito e origem dessas actuações, Marito fez outra grande revelação: “Foi no Centro Recreativo e Cultural Kilamba onde tudocomeçou. Cabé, pai de Paulo Flores, era o gestor do recinto e para lá levou este conceito, que já realizava em Portugal, um encontro de artistas naquele dia da semana. A intenção era ter um palco livre para os artistas. A ideia pegou e o público apreciou. Depois o mesmo conceito foi levado para o Chá de Caxinde, quando Cabé passou a gerir este espaço”.

Moreira Filho e Marito, o núcleo forte da Banda Maravilha, tem uma ligação muito forte, que remonta aos anos 80, quando ambos colaboravam nos estúdios da Rádio Nacional de Angola. Daí nunca mais perderam o rasto um do outro. Marito falou de outros integrantes: “Isaú Baptista surge na altura em que Pirika Duia sofreu um acidente e teve de ser transportado para o Brasil. Um dia o encontramos a tocar nos estúdios da Rádio Vial para um disco de gospel e ficamos admirados”.

Com Miqueias a relação surgiu quando Marito saiu para divertir-se no Paralelo 2000, lá viu uma banda a tocar e ficou admirado com o jovem nas teclas. Dias depois falou com o pessoal da banda e, felizmente, Miqueias era conhecido de Chico Santos. “Os dois (Pirika Duia e Miqueias) estão a superar-se cada vez mais e todos os dias surpreendem”.



Banda Maravilha “versus” Show do Mês

Também conhecida como Os Embaixadores do Semba, a Banda Maravilha tem uma forte relação com a Nova Energia. Tudo teve início numa viagem de amigos para Kapanda, em Malanje. A Banda Maravilha actuaria e a jovem Yuma, que fazia parte da caravana, estava a dar os primeiros passos na produção de eventos. Houve um impasse na acomodação da comitiva e ela resolveu a situação. Depois deste incidente os amigos avançaram com a proposta de agenciar a Banda Maravilha, mas Marito colocou a seguinte condição: “Apenas aceitamos se for com aquela jovem aguerrida”. E assim Yuma passou a agente da formação. O Show do Mês foi desenhado em intermináveis conversas e partilhas entre Yuma, Yuri e Marito. Hoje Yuma é considerada uma das mais competentes directoras de palco em Angola, além de agente e co-responsável pela consistência do Show do Mês. Ela tem dito que a sua principal escola foi a Banda Maravilha.

O regresso do Show do Mês à programação cultural de Luanda vai acontecer com um espectáculo dedicado à produção musical angolana dos anos 80, com Calabete, Carlos Baptista, Clara Monteiro, António Paulino, Robertinho, Dina Santos, Shiley, Cândido Ananás, Givago, Dualy Jair, Voto Gonçalves e Sanguito, que marcaram aquela época.





PARA A EMANCIPAÇÃO DA MULHER

A evolução do homem “cozinhado” *

Não faz muito tempo, era comum ouvir que certos homens eram tidos como um bando de “boelos”, que faziam tudo o que as esposas mandassem e se resmungassem levavam galhetas, surra de panelas, com o pau de funje e outros “mambos”

Luefe Kahary

Era o que se dizia (e em muitos casos ainda se diz, embora com menos frequência e com a voz cada vez mais baixa). Não eram os homens que espalhavam isso, pelo menos não no seu todo, eram as próprias mulheres. Não as esposas, a maioria delas nem tocava no assunto, ao invés de orgulhosas, limitavam-se a ficar envergonhadas por ter um homem que participa na execução das tarefas de casa. Os piores falatórios vinham mesmo das irmãs, cunhadas, mães e sogras. Esse gajo é um burro! Ele mesmo é quem faz a comida para as crianças? Lava a loiça e faz as coisas que uma mulher deve fazer? Dentre as referidas mulheres, já algumas se designavam “emancipadas”.

“Emancipação”, que para ficar ainda mais bonito agora lhe chamam de empoderamento (crédito aos brasileiros), não é mais que libertação, independência, fugir de algum tipo de corrente que prende as pessoas a algo. A emancipação, “empoderamento”, tem sido a palavra de ordem para o desacorrentamento de conceitos sociais pré-estabelecidos em que o quesito principal é o rebaixamento da mulher. Em outras palavras, parece que as mulheres estão a cada dia que passa a ganhar mais

consciência de si mesmas e a dar a volta por cima. O que dizer então do homem emancipado? O afamado marido cozinhado, para uma época que vai ficando mais distante.

Poucos da geração actual devem ouvir estórias e cenas sobre esse assunto, não que já não se registem, têm acontecido e muito, certamente cada vez mais, mas mudaram-se os contextos e o “marido boelo”, o “burro que faz as coisas que uma mulher deve fazer”, o “marido cozinhado”, é agora chamado “homem moderno”. Mas...

...a própria sociedade ainda não se vê a desacorrentar-se fluidamente dos conceitos que fazem supervalorizar o homem e, portanto, quando é assumida, por homens e mulheres, a tal postura do “Homem Moderno”, em muitos casos, as referências são apenas como algo para cair bem na fotografia em prosa com amigos, nas redes sociais e por aí afora. Verdade seja dita, o quadro levará ainda algum tempo para que se registem os efeitos desejados da emancipação ideal. Afinal, é realmente bonito e interessante ouvir que o fulano (esposo ou não) é quem faz as refeições em casa, lava a loiça e trata das crianças. A sociedade faz vénias, como se fosse algo extremamente excepcional. Talvez seja, mas não devia



Ao ouvir-se que um homem lava as cuecas da mulher, o primeiro instinto ainda é ver o fulano que assim procede como boelo

ser, não precisa de ser. Porém, se aparecer alguém e disser que, mais que o que foi referido, o tal homem lava, também, as cuecas da própria mulher, já não é tão bonito de se ouvir, aliás soa estranho e a maior parte das pessoas, emancipadas ou não, torce o nariz.

Ao ouvir-se que um homem lava as cuecas da mulher, o primeiro instinto ainda é ver o fulano, que assim procede, como boelo, despoletar-se-á, como que instintivamente, o que nos foi inculcido desde a época das cavernas, que é exclusividade da mulher cuidar da roupa íntima do parceiro e jamais pode acontecer o oposto. Apenas depois desta reflexão instintiva, no caso das “pessoas emancipadas”, lembrar-se-ão, como se estivessem a libertar-se de um transe, da tal “emancipação” que os rege e debruçar-se-ão aos aplausos:

“isso é que é homem!”.

Pelo facto de que ao longo dos séculos o homem sempre se desenhou como superior à mulher, sempre que consegue fazer algo que o coloque em pé de igualdade com a mulher emancipada é visto como excepção e, seguidamente, infelizmente, é supervalorizado por isso mesmo. Olhando para todos os prismas, é a emancipação da mulher que deverá, além de fazer crescer a mulher em todos os quesitos sociais, libertar o homem dos ideais estabelecidos por ele mesmo. É preciso que as mulheres conversem mais com os homens, tanto quanto têm conversado com elas mesmas. É preciso educar com veemência a igualdade às mulheres e aos homens do futuro, hoje meninas e meninos, ou, doutro modo, enquanto o homem não for cada vez mais desacorrentado da enraizada superioridade masculina, de pouco adiantará gritar aos quatro ventos a emancipação das mulheres.

**In “CRÓNICAS TÃO BRANCAS DE AZUL (A IDADE DOS LADOS)”, colectânea de crónicas de David Gaspar, Dias Neto, Kaz Mufuma e Luefe Khayari, disponível para “download” gratuito em www.palavraarte.co.ao*

